

Um rio além de seus megawatts

Havia expectativa de que o governo daria atenção especial às populações locais em todo o processo. Foi exatamente **aí que o projeto de Belo Monte mais falhou**

Mais do que um problema ambiental, a polêmica em torno de construção da UHE Belo Monte, em Altamira, Pará, envolve um dilema ético. A decisão de realizar a obra, apesar das dúvidas recorrentes sobre sua viabilidade técnica, econômica e ambiental, expõe-se não a irresponsabilidade governamental, ao menos a arrogância de usar o poder constituído para mudar regras de financiamento e subsídios de modo a garantir a realização da obra a qualquer custo.

Fazer escolhas e investir no desenvolvimento é um papel inerente à autoridade do poder público. O que ocorre neste caso é que não estão claras as vantagens e as desvantagens do projeto. A própria perspectiva de que tipo de desenvolvimento Belo Monte vai fomentar está fora do debate. E, no esforço de viabilizar a obra de toda maneira, o governo só aumenta seu custo social.

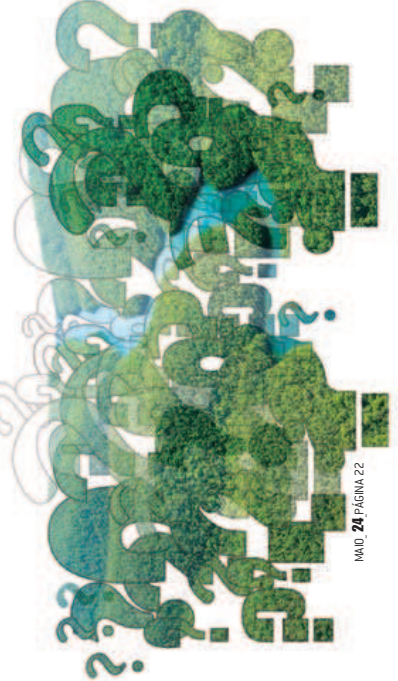
É reconhecido pelo Estudo de Impacto Ambiental que haverá riscos para as populações que vivem na Volta Grande do Xingu. Não há quem possa dimensioná-los, mas há consenso sobre a existência deles. O que o governo parece não querer enfrentar é a discussão sobre a relação entre estes riscos e os benefícios da obra. Ambos são relativos e são essas diferentes visões que têm de ser compatibilizadas.

Para abrir mão de coisas que lhes são fundamentais, como sua moradia e seu modo de vida, é preciso que as pessoas estejam convencidas de que serão recompensadas de alguma forma. Isso vale para os índios, que poderão ter a qualidade da água de que dependem afetada. Vale para os agricultores familiares e ribeirinhos, que terão de deixar suas terras para viver em outro lugar. Vale para os governantes locais e para a população das cidades da região, em especial Altamira, que terá de dividir sua já carente infraestrutura com milhares de migrantes. Essas pessoas precisam ter a garantia de que haverá outros ganhos, que não podem

estar refletidos apenas no PIB. Também não é suficiente mencionar os ganhos para a produção e a exportação, pois na maior parte das vezes não resultam em benefício social.

Para que a sociedade considere justas as eventuais perdas que esses grupos vão sofrer, é preciso ter certeza de que os possíveis danos ambientais, sociais e até econômicos – tendo em vista que o modelo de financiamento da obra torna todos os contribuintes brasileiros sócios do empreendimento – valerão a pena. A falta dessa certeza é que torna tudo tão confuso. **São as respostas evasivas, as dúvidas não respondidas, os números contraditórios que fazem com que a declaração do presidente Lula, de que Belo Monte será feita de qualquer jeito, pareça mais uma ameaça do que uma promessa**

Até os prefeitos dos municípios da área de influência da hidrelétrica, reunidos em um consórcio, que sempre foram defensores do empreendimento, manifestaram-se recentemente contrariados com o fato de suas reivindicações para o plano de desenvolvimento regional do Xingu não terem sido levadas em conta. Seria possível argumentar que a perspectiva de interesse público embutida na obra supera em termos de volume e densidade de beneficiários aqueles que serão negativamente afetados, o que justificaria a



MAIO 2014 PÁGINA 22

Nós e o ninho

A trama da reprodução do cuco pode ser considerada cruel do ponto de vista ético, mas há **um quê de beleza na sua dança de evolução e adaptação** com o rouxinol

Não sei por onde andei todos esses anos, mas até recentemente eu não tinha a mínima ideia de como o cuco – um pássaro comum em todos os cantos do mundo – engendra sua reprodução e garante espaço sob o sol. Foi assistindo à TV, aquele velho aparelho no canto da sala, que aprendi por que os cucos são, literalmente, estranhos no ninho. A intrigante estratégia arquitetada por esse pássaro tão pouco especial me roubou a paz nos dias que se seguiram. Se, como dizia minha avó, a natureza é perfeita, deve haver algo de belo na trama do cuco. Mas onde? Como? Senão, vamos aos fatos. A espécie mais comum de **cuco** habita o chamado Velho Mundo, basicamente a Europa, e é enaltecido em verso e prosa pois seu canto anuncia a chegada da primavera. Apesar do bom augúrio, o pássaro migra da longínqua África – onde passa os invernos – com uma missão que pode ser considerada perversa. O cuco nunca choca seus próprios ovos ou cuida de seus filhotes – em vez disso, dedica energia a colocar quantos ovos for possível em ninhos de pássaros menores, em particular uma espécie de rouxinol e, então, asas pra que te quero. Uma série de artimanhas garante que o rouxinol não apenas choque o ovo alheio, como alimente o filhote até que ele também possa bater asas.

O cuco bota, em cada ninho, um ovo idêntico ao do rouxinol e, para evitar que os donos dos ninhos reconheçam que é falso, jogam um dos ovos originais para fora. Dos filhotes do rouxinol, um já era. O casal de rouxinol, sem perceber a intrusão, põe-se a chocar os ovos. O filhote do cuco nasce antes do que os do rouxinol e, recém-saído da casca, cego e pelado, joga os demais ovos para fora do ninho. Tem mais. O danado imita o canto do filhote de rouxinol para assegurar que os pais adotivos, a despeito de sua aparência dessemelhante e seu tamanho

desmesurado, continuem a alimentá-lo. Parece que só tem para o cuco, mesmo. Ele é capaz de cantar muito mais rapidamente do que o filhote do rouxinol, dando a impressão de que há mais de uma boca a alimentar. E assim o pequeno cuco recebe comida suficiente para ultrapassar em tamanho o de seus pais adotivos – chega a ser dez vezes maior. Quando finalmente se vai, o saldo para os rouxinóis é desolador: nenhum filhote e uma temporada de reprodução desperdiçada.

Boquiaberta ao fim do documentário sobre os hábitos reprodutivos do cuco, logo me pus a pesquisar. Como pode ser que o rouxinol não reaja? E o que levou



o cuco a desenvolver tão peculiar forma de reprodução? Descritos inicialmente pelo naturalista inglês Edward Jenner no final do século XVIII, os truques do cuco foram atribuídos à migração que a espécie realiza até a África. Segundo conta Nicholas Davies, pesquisador da Universidade de Cambridge e especialista em parasitismo de ninhada, a ideia de Jenner era que a longa viagem roubaria do cuco o tempo para construir ninho, chocar ovos e alimentar filhotes. Naturalistas da mesma época buscaram outros possíveis motivos para tão chocante parasitismo, mas a chave veio com Charles Darwin e *A Origem das Espécies*. É a evolução, estúpido.

As características que tornam mais provável que um organismo sobreviva e se reproduza são selecionadas naturalmente e se tornam mais comuns naquela determinada população ao longo do tempo. Darwin apontou a vantagem que o parasitismo de ninhada traz ao cuco: sem os deveres de construir ninho, chocar e alimentar filhotes, ele é capaz de colocar mais ovos, aumentando suas chances de sucesso na reprodução. Para Darwin, a questão era: por que não há mais espécies que explorem aquelas que vivem honestamente de seus próprios ninhos?

Davies e outros pesquisadores mostraram mais recentemente que, no caso do cuco e do rouxinol, assim como outros parasitas de ninhada, trata-se de coevolução – um processo recíproco de mudança evolucionária entre duas espécies. À medida que o rouxinol desenvolve defesas contra o parasita, o cuco adapta-se a elas. Nessa dança de evolução e adaptação, os melhores parasitas são aqueles capazes de manter seus hospedeiros vivos. Afinal, o que seria do cuco sem o rouxinol? Talvez aí esteja a beleza da coisa.

Culturalmente, o homem absorveu o comportamento do cuco. Seus truques foram mencionados em várias peças de Shakespeare e inspiraram o título do filme *Um Estranho no Ninho*. Em várias línguas, deriva de cuco a palavra para o marido traído que cria filhos de outro. Ética e moralmente, o comportamento desse pássaro tão comum pode causar espanto pela crueldade. Mas o cuco está apenas sendo cuco. Assim como o homem pode apenas ser homem. [↗](#)

MAIO 2013 PÁGINA 22